

REPATRIAÇÃO

Grupo desembarca em Manaus com os pés e as mãos presos. Ministério da Justiça acusa norte-americanos de “flagrante desrespeito aos direitos fundamentais”

Governo critica EUA por algemas em deportados

» ISRAEL MEDEIROS

O Ministério da Justiça e Segurança Pública criticou, ontem, a postura do governo dos Estados Unidos de deportar algemado um grupo de brasileiros, que chegou sexta-feira a Manaus. Por meio de nota, o ministro Ricardo Lewandowski disse que houve um “flagrante desrespeito aos direitos fundamentais dos cidadãos brasileiros”.

“O Ministério da Justiça e Segurança Pública enfatiza que a dignidade da pessoa humana é um princípio basilar da Constituição Federal e um dos pilares do Estado Democrático de Direito, configurando valores inegociáveis”, afirmou a pasta.

Os 88 brasileiros repatriados desembarcaram na capital amazense com as mãos e os pés algemados, vindos de Alexandria, na Louisiana (EUA). Estavam em um jato fretado pelo governo norte-americano e eram acompanhados de seguradoras particulares. O grupo se dirigia ao aeroporto de Confins, em Belo Horizonte — destino comum dos voos de deportados vindos dos Estados Unidos. Mas, antes, o jato que transportava os brasileiros precisou fazer uma escala de emergência.

O grupo deixou a aeronave ainda com as algemas, que foram retiradas pela Polícia Federal (PF). A corporação também proibiu que os deportados fossem novamente detidos pelos norte-americanos em solo brasileiro.

“Os brasileiros que chegaram algemados foram recebidos e imediatamente liberados das algemas pela Polícia Federal, na garantia da soberania brasileira em território nacional e dos protocolos de segurança em nosso país. (...) Os passageiros foram acolhidos e acomodados na área restrita do aeroporto. No local, receberam bebida, comida, colchões e foram disponibilizados banheiros com chuveiros”, informou a PF, em nota. Entre os deportados, havia ao menos uma criança, mas a corporação não informou se também estava algemada. A Prefeitura de Manaus disse que ajudou na assistência aos deportados, que receberam produtos de higiene pessoal, água e travesseiros.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva determinou que um

Antonio Lima/Governo do Amazonas



Grupo de repatriados é atendido em Manaus já depois de as algemas terem sido tiradas por ordem da PF

Reprodução de vídeo



Ao desembarcarem, deportados estavam com os pés e as mãos presos

avião da Força Aérea Brasileira (FAB) fosse enviado a Manaus para transportar o grupo e, assim, evitar que voltasse a ser algemado. Ao saber da notícia, os brasileiros comemoraram. Em um vídeo gravado por agentes da PF, os repatriados aparecem

cantando o Hino Nacional. O avião decolou de Manaus por volta das 16h40.

De acordo com o Serviço de Imigração e Alfândega (ICE, na sigla em inglês) norte-americano, os brasileiros deportados estavam em situação ilegal nos EUA.

Acordo de 2017

Esse foi o primeiro voo de brasileiros mandados de volta na gestão de Donald Trump. Embora o presidente norte-americano tenha dado início ao governo com ações diretas contra imigrantes ilegais, o grupo que chegou a Manaus retornou por conta de um acordo firmado, em 2017, no governo do ex-presidente Michel Temer e na primeira gestão de Trump. Os imigrantes foram detidos ao tentarem entrar nos Estados Unidos quando Joe Biden estava na Casa Branca.

Embora diversos aliados tenham usado o caso para criticar o governo Trump, Lula não comentou o episódio. Desde a posse do presidente norte-americano, na última segunda-feira, o presidente tem adotado uma postura cautelosa ao falar sobre os EUA. “Da nossa parte, não queremos briga. Nem com a Venezuela, nem com os americanos, nem com a China, nem com a Índia e nem com a Rússia”, disse Lula, na reunião ministerial realizada na data em que Trump tomou posse.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Entre a picanha e a salsicha, o marketing reverso de Lula

Na publicidade, o marketing reverso é uma inversão de perspectivas. O processo mais comum e tradicional é a busca da atenção e dos recursos dos consumidores. O marketing reverso faz com que o consumidor passe a procurar pelo serviço e/ou produto oferecido de forma mais orgânica. É uma estratégia menos invasiva e agressiva, mas, às vezes, dá errado.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva é um comunicador nato e voltou ao poder com uma narrativa ancorada nos seus dois mandatos anteriores. Um dos motes de sua campanha foi uma espécie de marketing reverso: a esperança dos pobres de que voltariam a comer picanha no churrasco do fim de semana.

Não há popularidade que resista à inflação, sobretudo de alimentos. Por ironia, o maior problema com a inflação são as carnes, que sumiram das geladeiras da maioria dos brasileiros, porque o preço das proteínas está proibitivo. Por exemplo: a picanha fatiada para churrasco custa R\$ 54. O acém moído, a carne que mais rende na mesa, em torno de R\$ 19. A primeira proteína bovina que entra na casa do pobre é processada: a salsicha, que custa em torno de R\$ 13. Nas gôndolas, o quilo do frango inteiro ou de pernil suíno picado (com osso) está R\$ 9, o mesmo preço do pé de galinha e da orelha de porco.

Para o falecido historiador francês Pierre Chaunu, especialista em estudos sobre a América espanhola, uma das causas de os chineses não terem conquistado as Américas antes de espanhóis e portugueses foi a falta de proteína animal (*Expansão europeia do século XIII ao XV*, Editora Pioneira). A China era a maior potência econômica da época e dispunha de uma grande força naval, com tecnologia e conhecimentos de navegação para atravessar todos os mares.

O ex-comandante da Marinha britânica Gavin Menzies (*O ano que a China descobriu o mundo*, Editora Bertrand) revelou que os chineses, liderados pelo grande navegador eunuco muçulmano Zheng He, haviam navegado da África até a foz do Rio Orenoco, na atual Venezuela. Depois, desceram a costa do continente até o Estreito de Magalhães, ao sul da América do Sul, ainda no ano de 1421. Ou seja, 71 anos antes de Cristóvão Colombo. A expansão chinesa foi contida pela decadência da dinastia Ming, sob crescente ameaça do líder mongol Altã Cã (1507-1582), que invadiu a China e dominou grande parte do território, até os arredores de Pequim.

Devido à grande densidade demográfica, resolver o problema alimentar, principalmente a escassez de proteína animal, sempre foi a chave da estabilidade dos governos chineses. Foi a necessidade chinesa de importação de proteína animal que fez o Brasil se tornar o segundo produtor mundial de carnes, com 11,9 milhões de toneladas (19,5% da produção mundial). O primeiro são os Estados Unidos (12,3 milhões, 20%) e o terceiro, a própria China (7,8 milhões/ 12,7%), hoje o nosso maior parceiro comercial.

Sem bala de prata

Ao analisar as causas da atual inflação de alimentos (in natura, semiprocessados e industrializados), constata-se que os produtos exportados (commodities) são os que sofrem maior influência do câmbio. Como o real desvalorizou-se 27% em relação ao dólar no ano passado, era inevitável seu impacto no preço dos alimentos. Esse é o tamanho do problema, ainda que o dólar tenha baixado a menos de R\$ 6 desde a posse de Donald Trump.

O IPCA-15, prévia da inflação oficial, foi de 0,11% em janeiro, acima da expectativa de queda. Só a alimentação em casa subiu 1,10% em janeiro. O café, por exemplo, subiu 7% em apenas um mês. O tomate, por sua vez, ficou 17% mais caro no mesmo período. Alguns alimentos tiveram queda, como é o caso da batata-inglesa (-14,16%) e do leite longa vida (-2,81%). Mas o ciclo da carne não terá alívio: nas projeções do IPCA, deve ter alta de 16,8%, em 2025, depois de encarecer 20,8%, em 2024.

Não há mágica para segurar a inflação de alimentos, muito influenciada pelo câmbio. Como se sabe, a desvalorização do real está associada ao aumento do déficit fiscal, à alta taxa de juros e ao crescimento da dívida pública. Sofre com um ciclo vicioso que abala a credibilidade da política econômica. Quando o ministro da Casa Civil, Rui Costa, na quarta-feira, disse que conversaria com ministros “para buscar um conjunto de intervenções que sinalizem para o barateamento dos alimentos”, ampliou as desconfianças de que o governo optará por soluções populistas de curto prazo para conter a inflação, acelerando esse ciclo.

De acordo com pesquisa Quaest, 78% dos brasileiros consideraram ter havido aumento no preço dos alimentos e 65% nas contas de água e luz, patamares mais altos desde o início do mandato de Lula. O preço dos alimentos tem dinâmica própria, influenciado por oferta e demanda, clima, safra, cotações internacionais. Não existe bala de prata para derubá-lo. Inexiste saída sustentável fora do arcabouço fiscal.

Quem mais resiste ao corte de gastos na Esplanada, porém, é o Palácio do Planalto. Melhor dizendo, o próprio Lula, o pai da picanha para os pobres.

ELEIÇÕES 2026

Candidato, Marçal rebate Bolsonaro

O influenciador digital Pablo Marçal rebateu Jair Bolsonaro após o ex-presidente dizer que ele é “carta fora do baralho” na disputa pela Presidência em 2026. Ex-candidato pelo PRTB à Prefeitura de São Paulo, ele respondeu que Bolsonaro “só considera candidato quem é parente dele”.

O ex-presidente, porém, está inelegível até 2030, mas, mesmo assim, afirma que disputará a sucessão de Luiz Inácio Lula da Silva no próximo ano. Nos últimos dias, Bolsonaro deu entrevistas nas quais elogiou seu filho 01, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e mencionou a ex-primeira-dama Michelle como possível candidata da direita em 2026. Seu filho 03, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), chegou a dizer que poderia “fazer o sacrifício” de disputar o Palácio do Planalto. Porém, o próprio ex-presidente deu sinais desencontrados sobre quem da família lançaria para concorrer com Lula.

Em entrevista à CNN Brasil, quando questionado sobre a candidatura de Marçal, o

ex-presidente disse: “Evito conversar sobre esse cara. É carta fora do baralho. (...) Tem um baita potencial, mas precisa se controlar”, sentenciou.

Após a afirmação, o influenciador rebateu as provocações do ex-presidente. “Carta fora do baralho de Bolsonaro, que está fora do jogo. Por que ele faria comentários de uma carta fora do baralho? O Bolsonaro só considera candidato quem é parente dele”, disse também à CNN.

Marçal ficou em terceiro lugar na disputa pela Prefeitura de São Paulo — Ricardo Nunes (MDB) e Guilherme Boulos (PSol) disputaram o segundo turno por pouca diferença de votos — e anunciou, recentemente, sua intenção de concorrer à Presidência, em 2026. Antes da eleição municipal, Marçal e Bolsonaro eram próximos, com o influenciador tendo apoiado publicamente o ex-presidente, em 2022.

Conflito

O relacionamento entre Marçal e o clã Bolsonaro tem sido

Miguel Schincariol/AFP



Influenciador incomoda ex-presidente desde a disputa em São Paulo

conflituoso desde que o empresário se lançou à disputa pela Prefeitura paulistana e fez vários ataques ao prefeito reeleito Ricardo Nunes — que tinha o apoio do ex-presidente, que indicou o vice na chapa do emedebista, o coronel da Polícia Militar Mello Araújo. Há poucos dias, ele e o vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ) protagonizaram um embate nas redes sociais, evidenciando as divisões internas da direita, já voltadas à eleição presidencial.

Carlos criticou Marçal por

tentar promover-se politicamente com imagens feitas nos Estados Unidos, enquanto seu pai foi impedido de viajar para participar da posse de Donald Trump devido à retenção de seu passaporte, determinada pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. Nas críticas, o vereador utilizou termos ofensivos.

Apesar das provocações, Marçal decidiu não responder diretamente. “Vou poupá-lo”, afirmou, por meio de sua assessoria.